



A cidade de Campinas acompanha com atenção a abertura dos Jogos Olímpicos de Paris e contribui para popularizar as ginásticas rítmica e artística em clubes e escolas

Cibelee Vieira
cadernoc@rac.com.br

A beleza do conjunto das apresentações das ginásticas olímpicas – envolvendo os movimentos, ritmos, saltos, sincronia com as música e estética das roupas e maquiagens – encanta, causa admiração e se traduz em pura arte. Os bastidores para a formação dessas atletas, entretanto, nem sempre são divulgados, mas envolvem um grande trabalho de estimulação e técnica que começa bem cedo, para aliar movimentos artísticos e ginástica. Em Campinas, esse trabalho está espalhado por vários locais públicos e privados, entre eles a escolhinha de ginástica infantil

que acontece no Ginásio do Taquaral, as aulas para a comunidade que ocorrem na Unicamp e em clubes que têm tradição nessas modalidades, como Regatas e Hípica.

A treinadora Adriana Pitta, que atua com ginástica rítmica, comenta que o interesse na modalidade sempre cresce muito quando tem Olimpíada, por conta da exposição na mídia. “Depois que a ginástica rítmica entrou nos Jogos Olímpicos em 1984, ampliou a procura, mas o aumento real do interesse ocorreu quando as meninas do Brasil ganharam a primeira medalha nos Jogos Panamericanos do Canadá (1999)”, ressalta. Formada em Educação Física pela PUC-Campinas em 1988, Pitta atuou como ginasta durante dez anos (desde a adolescência) no Clube Regatas, onde conquistou os títulos de Campeã Paulista de Ginástica Rítmica por sete vezes e Campeã Brasileira em 1993. Depois, atuou como treinadora das equipes do Regatas e hoje completa 30 anos como treinadora na Sociedade Hípica de Campinas, sempre nessa modalidade.

Com 120 crianças na faixa de 5 a 16 anos sob sua orientação, explica que o foco do trabalho atual é principalmente a descoberta de talentos. O grande desafio de se tornar atleta nessa modalidade hoje, explica, “são os custos altos para se manter atualizada com cursos, participar de campeonatos e competições internacionais, ter um local apropriado para treinar e até as roupas são caras, por isso precisa de patrocinadores”.

Mas nem só de treino vive um atleta de alto rendimento. O trabalho multidisciplinar, adotado pela Confederação Brasileira de Ginástica há cerca de oito anos, tem ajudado o País a ter retornos com boas pontuações nesses grandes eventos. “Esse trabalho multidisciplinar envolve psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta, professor de balé, coreógrafo e técnico, é uma atuação conjunta para preparar o atleta.”

Nas competições mundiais, as provas são em quatro aparelhos, feitos em sorteio, e hoje a corda está de fora nos individuais. Entram a bola, a fita e o arco. Os conjuntos são sempre em duas provas, uma mista (bola e fita) e uma com cinco arcos. “O código de pontuação mudou e está mais artístico, pontua os passos de dança, então, acho que o Brasil vai entrar forte na modalidade”, diz Pitta.

CRIANÇAS NA UNICAMP

Se Campinas tem tradição nas ginásticas olímpicas, a Unicamp pre-

serva e mantém o incentivo. O professor Evandro Lázari, coordenador de Extensão na Faculdade de Educação Física, conta que existe essa preocupação de formação nas modalidades da ginástica (artística e de trampolim) e que isso atrai muito o interesse das crianças, tanto que é a modalidade que começa mais cedo, a partir dos 4 anos de idade. “As crianças são mais curiosas com o próprio corpo e mais destemidas, por isso se interessam tanto pela ginástica artística, onde há movimentos variados e menos padronizados, com música e movimento, formando o caráter de ritmo e expressão.”

O programa “Crescendo com a ginástica”, oferecido pelos cursos de extensão da Universidade atende crianças da comunidade em geral dos 4 aos 13 anos na iniciação e a partir dos 14 anos nas atividades com saltos, administradas pelos alunos sob supervisão dos professores. Evandro vai às Olimpíadas de Paris, pois treina a atleta Tiffany Ma-

rinho, que concorre no atletismo.

FOMENTANDO NOVOS ATLETAS

A técnica em ginástica artística Stella Ferrari, formada pela Unicamp em 2011, comenta que “esta é uma modalidade muito completa, que exige bastante força e flexibilidade do corpo, além de coragem do atleta, pois tem acrobacias de risco e em locais altos”. Atualmente, o programa de ginástica artística masculina inclui eventos de solo, salto, barras fixas, barras paralelas, cavalo com alças e argolas. Já as mulheres competem no solo, salto, barras assimétricas e trave de equilíbrio. Ela ressalta que este é “um esporte divertido, toda criança gosta de brincar de virar de ponta cabeça, dar uma estrelinha, além de ser um esporte bonito de assistir, que impressiona pela dificuldade das acrobacias”.

Stella lembra que o torneio “Ginástica Olímpica de Campinas”, que acontece uma ou duas vezes ao ano na cidade, é bastante tradicional e incentiva a prática da modalidade. A última edição foi realizada em 29 de junho no Colégio Liceu. Ela entende que “a ginástica artística é a base para todos os demais esportes. Se for bem trabalhada na infância, a criança terá facilidade para qualquer outro esporte. Por isso, precisaria ser mais popularizada, estar em todas as escolas”. Hoje, ela dá aulas para crianças de 3 a 12 anos na Hípica e conta que a equipe principal, formada por 10 meninas (6 a 13 anos), participará no segundo semestre de um torneio nacional em Tocantins e de uma competição internacional nos Estados Unidos.

cultura

Sugestões de pautas, críticas e elogios:
cadernoc@rac.com.br
Editora: Cristina Belluco

CORREIO POPULAR

Campinas, sexta-feira, 26 de julho de 2024